

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

## UNS AOS OUTROS: O USO DO TERMO “ALLÉLON” E SUA RELAÇÃO COM O VIVER EM COMUNIDADE

One another: the use of “allélon” term and its relationship to live in community

Merlise dos Santos<sup>1</sup>

### RESUMO

A sociedade brasileira apresenta vários problemas no que diz respeito aos relacionamentos interpessoais: intrigas, inveja, amarguras, disputas por posições de destaque, mentiras, entre outros. O cenário nas igrejas não é tão diferente! Há uma crise nos relacionamentos. Por isso, a relação entre os cristãos é um dos temas que merece destaque e atenção. A preocupação com esse assunto foi apresentada pelo próprio Senhor Jesus o qual via como necessária a unidade da igreja e orou para que “todos fossem um” em João 17.21. A principal palavra no grego que expressa comunhão é *Allélon*, que, em português, tem o significado de “Uns aos outros”. Faz-se necessário compreender o que essa palavra tem a dizer sobre a relação de harmonia existente no relacionamento entre cristãos. Para isso, é importante fazer um resgate do uso do termo no seu contexto histórico, bem como em seu sentido original. O viver em comunidade só terá sentido se o termo “Uns aos outros” for aplicado em sua essência na igreja atual.

**Palavras-chaves:** Relacionamentos. Unidade. Igreja.

### ABSTRACT

Brazilian society presents several problems with regard to interpersonal relationships: intrigue, envy, bitterness, disputes for prominent positions, lies, among others. The scenario in the churches is not so different! There is a crisis in relationships. Therefore, the relationship between Christians is a theme that deserves attention. The concern with this subject was presented by the Lord Jesus which saw the unity of the church as

<sup>1</sup> A autora é Licenciada em Educação Física pela Universidade de Passo Fundo e formada em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: [merlisee@gmail.com](mailto:merlisee@gmail.com)

necessary and prayed that "they were all one" in John 17.21. The key word in the Greek expressing communion is *allélon*, which, in Portuguese, has the meaning of "to each other." It is necessary to understand what that word has to say about the relationship of harmony in relationships among Christians. Therefore, it is important to make a recovery of the use of the term in its historical context, as well as in its original sense. The live in the community makes sense only if the term "each other" is applied to its essence in the present church.

**Keywords:** Relationships. Unit. Church.

## INTRODUÇÃO

Viver o termo “Uns aos outros” em um ambiente social onde imperam o egoísmo e o individualismo, caracteriza-se como um dos grandes desafios a serem enfrentados. Em meio a tanta diversidade, é inevitável que os problemas surjam e, associada a ela, a dificuldade de aceitação. Mas, ao se tratar da igreja de Cristo, esses mesmos problemas são presentes? Ou ainda, como a igreja poderia superar as dificuldades de convivência nos relacionamentos e se tornar relevante para a sociedade e para cada um?

Perguntas como essas já intrigavam os grandes líderes do Novo Testamento, como o apóstolo Paulo e o próprio Senhor Jesus, e já eram motivo de discussão na igreja primitiva. Em seu contexto, encontravam-se lado a lado pessoas das mais diversas camadas sociais, com opiniões diferentes, temperamentos contrários, hábitos divergentes e maturidade de fé em variados níveis. Diante desse quadro, é muito fácil surgirem os conflitos, os problemas de relacionamentos, e até mesmo uma “crise na comunhão”, exigindo uma preocupação especial de cada integrante dessa comunidade, pois a heterogeneidade, à primeira vista, pode pôr fim à comunhão.

Passados milhares de anos, vê-se a igreja atual passando pelas mesmas dificuldades enfrentadas pela igreja de Roma. As características levantadas por essa comunidade são as mesmas expressas nos dias atuais. Em tempos de preocupação com o fator “crescimento da igreja”, o espírito de comunhão e um ambiente que propõe o amor fraternal entre os irmãos deve ser vivido e almejado com todas as forças, de tal forma que o “Uns aos outros”, seja o diferencial da igreja atual.

## 1. UNS AOS OUTROS EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO

A igreja de Roma teve início muito antes de qualquer contato de Paulo com ela, mas, independente de como tenha sido esse início e dos vários grupos que agora existem em Roma, segue a carta de Paulo aos romanos, que visa mostrar a importância do relacionamento mútuo para o avanço do Evangelho.

### 1.1 A Carta de Paulo aos romanos

Essa carta não é apenas um documento destinado a uma igreja com problemas. Seu conteúdo é indiscutível, sua autoria inquestionável, com destinatários e propósitos bem definidos, que fazem dela o maior compêndio teológico.

### 1.1.1 Conteúdo

Com um conteúdo impressionante, a carta de Paulo aos romanos é um documento imprescindível para a história da igreja. A carta recebeu ao longo da história várias características e carrega a reputação de uma epístola de difícil compreensão. Mas, a partir dela, pode-se conferir a conversão de Agostinho, a defesa da fé por Lutero e um novo modelo de interpretação proposto por Barth, além de uma revolução na teologia.<sup>2</sup>

O conteúdo de Romanos é considerado o maior tratado teológico da história do Novo Testamento, e estudar essa carta é aprofundar-se na essência do cristianismo, além de ser o trampolim da revolução desencadeada com a reforma proposta pelos pais da igreja.<sup>3</sup> Paulo, o apóstolo dos gentios, direcionou o seu olhar para um novo desafio com o livro de Romanos: o de alcançar o Ocidente. Mas, para que suas intenções se tornassem operacionais, ele precisou ir além de apenas chamar a atenção para si. Ele precisou partir de um ponto inicial, ou seja, de uma igreja que abraçasse a sua causa. O plano de Paulo foi audacioso, pois almejava alcançar o apoio da igreja em Roma, e ainda, tornar seus projetos missionários uma realidade.<sup>4</sup> Para isso era indispensável que a igreja conhecesse o conteúdo da sua pregação, ou seja, tanto cristãos-judeus, como cristãos-gentios, deveriam ser capazes de compreender a dimensão do Evangelho de Cristo.

### 1.1.2 O autor

Não há questionamentos quanto à autoria de Romanos, dado o número de evidências que o próprio apóstolo Paulo aponta. Ele se apresenta como o remetente da carta, e assegura isso com autoridade e submissão, ao se denominar como servo de Cristo.<sup>5</sup> Bruce afirma que Paulo procura deixar claros seus propósitos de autor, ao mostrar transparência e honestidade em seus escritos, além de uma espontaneidade ao escrever ou ditar os mesmos.<sup>6</sup> Shedd afirma que Romanos é o escrito mais longo, sistemático e com conteúdo mais profundo de todos os escritos de Paulo, considerado o mais relevante e categórico livro da Bíblia.<sup>7</sup>

### 1.1.3 Destinatários

Por volta do ano 750 a. C. era fundada, às margens do rio Tibre, a cidade de Roma. A cidade possuía aproximadamente um milhão de habitantes, dentre eles quarenta mil eram judeus. Acolhia pessoas de todas as partes do mundo e tinha uma função estratégica na expansão do Evangelho. Considerada o cerne do Ocidente, famosa e cosmopolita, onde todos os caminhos levavam a ela, por esse motivo Paulo queria conquistá-la para Cristo. Mas, ao mesmo tempo em que o “glamour” de Roma ecoava pelos quatro ventos do Ocidente, o outro

---

<sup>2</sup> HÖRSTER, Gerhard. **Introdução e síntese do Novo Testamento**. Tradução de Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 1996, p. 86.

<sup>3</sup> ELWELL, Walter A.; YARBROUGH, Robert W. **Descobrimo o Novo Testamento: uma perspectiva histórica e teológica**. Tradução de Lúcia Kerr Jóia. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 275.

<sup>4</sup> HÖRSTER, 1996, p. 86.

<sup>5</sup> LOPES, Hernandes Dias. **Romanos: o evangelho segundo Paulo**. São Paulo: Hagnos, 2010, p. 17.

<sup>6</sup> BRUCE, F. F. **Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Shedd, 2003, p. 12.

<sup>7</sup> SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Shedd**. Antigo e Novo Testamentos. São Paulo: SBB; Vida Nova, 1997, p. 1582.

lado da moeda era de escuridão e tristeza. Lopes destaca a realidade de Roma como “a cloaca do mundo, o esgoto pútrido em que as pessoas chafurdavam nas práticas mais avilantes”.<sup>8</sup>

#### 1.1.4 Propósito

O apóstolo Paulo escreve a carta aos Romanos com vários propósitos. Dentre eles estão: pedir que a igreja interceda em seu favor, pois a viagem que pretendia realizar até Jerusalém era perigosa, ele tinha medo de ser morto pelos judeus no caminho e tinha receio de que os “santos” de Jerusalém não estivessem dispostos a receber as ofertas levantadas pelos gentios.<sup>9</sup>

Em segundo lugar, o propósito de Paulo é tornar conhecido o seu desejo de visitar a igreja. Ele desejou visitá-los em outras oportunidades, mas foi impedido e por essa razão nasce o maior tratado teológico do Novo Testamento, com o objetivo de abençoar a todos, ao longo dos séculos.<sup>10</sup> Wilson destaca que:

Ao invés de simplesmente edificar os crentes em Roma pelo ensino oral, uma honra bem maior foi reservada por Deus ao seu servo; pois todo cristão que deseja se tornar firmemente fundamentado na fé deve ainda colocar-se aos pés de Paulo de Tarso para receber, com toda humildade, aquele ‘evangelho de Deus’ que foi primeiro confiado a ele ‘mediante a revelação de Jesus Cristo’.<sup>11</sup>

Em terceiro lugar, Paulo tinha o desejo de compartilhar as boas novas do Evangelho com os irmãos de Roma, a fim de que fosse por eles enviado à Espanha. Havia necessidade de uma base missionária que servisse de suporte para seus novos projetos e também apoio financeiro e espiritual.<sup>12</sup> Paulo era um estrategista e tinha interesse de repartir o evangelho com a igreja mais importante do império, que fazia distinção entre gentios e judeus.

### 1.2 A importância do relacionamento mútuo para o progresso do Evangelho em Roma

O apóstolo Paulo tinha grande interesse em visitar Roma, para alertar a igreja por causa das divisões que eram conhecidas e recorrentes. Em virtude disso, a última parte de sua carta mostra a importância do amor nos relacionamentos e como ele interfere de maneira abrangente em diversas áreas da vida dos cristãos. Murray ressalta que:

Paulo aborda os deveres concretos e práticos que se impõem aos crentes. Tais deveres dizem respeito, particularmente, às relações mútuas, na comunidade e no companheirismo dos santos. Visto que os crentes mantêm certas relações para com os outros homens e instituições, Paulo fala sobre a conduta que convém aos santos no exercício de suas responsabilidades sociais e políticas.<sup>13</sup>

<sup>8</sup> LOPES, 2010, p. 24.

<sup>9</sup> LOPES, 2010, p. 26.

<sup>10</sup> LOPES, 2010, p. 26.

<sup>11</sup> WILSON, Geoffrey. **Romanos**: um resumo do pensamento reformado. São Paulo: PES, 1981, introdução.

<sup>12</sup> LOPES, 2010, p. 27.

<sup>13</sup> MURRAY, John. **Romanos**: Comentário Bíblico Fiel. São José dos Campos: Fiel, 2003, p. 24.

O assunto abordado por Paulo é profundo e preciso, pois penetra no âmago do ser humano e suas experiências individuais e espalha-se para todos os segmentos de sua vida cotidiana. Ele trata do amor que os irmãos devem demonstrar uns para com os outros, um amor abrangente e envolvente. Em Romanos 12.9-10, Paulo faz referência a esse amor e usa a expressão “uns aos outros”<sup>14</sup>, para atestar que:

ao enunciar a primazia do amor e ao escrever à igreja, conforme Paulo agora estava fazendo, não seria possível imaginarmos um amor de nível inferior àquele que se revela em seu grau mais elevado, isto é, o amor na comunidade dos santos. Por isso, o apóstolo disse: “Uns aos outros” focalizando aquele círculo de pessoas ao qual esta carta foi endereçada.<sup>15</sup>

O relacionamento com os irmãos está intimamente ligado ao fato de pertencerem uns aos outros, como uma grande família que intercede, que ora e que vive em comunidade. O corpo de Cristo vive em unidade, procede de uma só família, com o mesmo senso de responsabilidade para com o próximo, embora com vários membros, mas conectados em um ponto comum. Murray destaca que:

Os crentes não somente são membros de um único corpo; também são membros uns dos outros [...]. Eles têm propriedades uns sobre os outros e, portanto, sobre os dons e as graças uns dos outros. Não se trata do comunismo que destrói a propriedade pessoal, e sim de uma comunidade que reconhece os dons distinguidores que Deus distribui; deste modo, a individualidade é zelosamente conservada. Mas a diversidade enriquece cada membro, porquanto gozam de comunhão em todos os dons do Espírito Santo, aos quais Deus outorgou de conformidade com sua própria vontade.<sup>16</sup>

Paulo quer mostrar que as diferenças existentes na igreja de Roma poderiam ser sanadas pelo simples fato de que cada um seria responsável de exercer o amor uns pelos outros.

## **2. UNS AOS OUTROS EM SEU SENTIDO ORIGINAL**

A língua portuguesa permite a análise de expressões sem que haja a obrigatoriedade de separá-las, porém na língua grega isso não é possível. Para que haja uma melhor compreensão da complexidade da expressão, faz-se necessário estudá-las de maneira isolada.

### **2.1 Uns aos outros separadamente – da expressão em português**

Faz-se necessário ressaltar que, no original, grego, a expressão “Uns aos Outros”, não é entendida, como na língua portuguesa, como um termo só, sendo necessária uma análise das palavras em separado.

---

<sup>14</sup> MURRAY, 2003, p. 521.

<sup>15</sup> MURRAY, 2003, p. 522.

<sup>16</sup> MURRAY, 2003, p. 483.

### 2.1.1 Um

Para apresentar o conceito de uma pessoa ou de uma coisa, o Novo Testamento faz uma separação em três grupos diferentes: *monos*, *heis*, *hápax* e *ephapax*. Por isso, somente o termo εἷς (*heis*) será aprofundado nesse estudo. εἷς (*heis*), é o primeiro numeral cardinal, ou seja, aquele que expressa uma quantidade absoluta e está no masculino. No feminino e neutro as formas são: *mia* e *hen*.<sup>17</sup> Vine, Unger e White Jr. propõem vários significados, dentre eles estão:

o significado de: “um” em contraste com muitos (Mt 25.15); em Rm 5.18 “(por) uma (só ofensa)”, ou seja, a transgressão de Adão em contraste com “uma só ato de justiça”, ou seja, a morte de Jesus; Também significa “união” e “acordo” (Jo 10.30; 11.52; 17.11, 21,22; Rm 12.4,5; Fp 1.27); Simbolicamente, um único (um), para a exclusão dos outros (Mt 21.24; Rm 3.10; 1 Co 9.24; 1 Tm 2.5, duas vezes); “um só” (Mc 2.7 “senão”; Mc 10.18; Lc 18.19) e ainda, “um e o mesmo” (1 Co 3.8; 11.5; 12.11). Em Romanos 3.30, “Deus é um só”, ou seja, não há “um” Deus para os judeus e um para os gentios. Em Gálatas 3.20 significa que, numa promessa não há outra parte; Em 1 Jo 5.8, literalmente, “e os três são em “um”, ou seja, unidos em “um” e o mesmo testemunho.<sup>18</sup>

O Vocabulário Bíblico traz as seguintes informações para o uso desse numeral: “um” no sentido de único, unicidade: Deus é único e demonstra isso em toda a Escritura. Deus é “um” na história da salvação, onde o “um” representa papel principal.<sup>19</sup> O Vocabulário associa também a unidade de todos os crentes com a unicidade de Deus. Pela obra do Espírito Santo, todos os homens são “um” em Cristo, mas se tornam “um” com Cristo (1 Co 5.17), “um” entre eles (Rm 12.5).<sup>20</sup> Ele ressalta que

a unidade dos crentes entre si, a comunhão fraternal, longe de transformá-los em indivíduos idênticos, cópias de um tipo uniforme, efetua-se precisamente por meio de sua diversidade. Além disso, sua comunhão alcança pleno sentido no fato de serem diferentes. O corpo de Cristo é constituído de membros diferentes, e esta diferença não só não compromete a unidade como também a condiciona.<sup>21</sup>

Dessa forma, a unidade e a comunhão dos crentes se dão justamente pelo fato de serem diferentes, “um”, por meio da diversidade, pois assim são santificados e diferenciados na comunhão. Coenen e Brown atestam o pensamento de Paulo sobre a unidade da igreja: Paulo

<sup>17</sup> VINE, W. E.; UNGER, Merrill F.; WHITE Jr, William. **Dicionário Vine**: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p. 1042.

<sup>18</sup> VINE; UNGER; WHITE Jr, 2002, p. 1042.

<sup>19</sup> ALLMEN, J. J. Von. **Vocabulário bíblico**. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001, p. 586.

<sup>20</sup> ALLMEN, 2001, p. 588.

<sup>21</sup> ALLMEN, 2001, p. 588.

expressa este fato através da sua figura de um só corpo, no qual os membros se vinculam e dependem uns dos outros, figura esta que os estoicos<sup>22</sup> também pregavam.<sup>23</sup>

### 2.1.2 Outro

O léxico do Novo Testamento Grego/Português traz o seguinte significado para a palavra *allos*:

ἄλλός, ἡ, o *outro*, *diferente* Mt 13.5, 24; 1Co 9.27; 15.41; *mais*, *adicional* Mt 4.21; 25.20. οἱ ἄλλοι o *resto* 1 Co 14.29 (*os outros*). Ligado às palavras de seus próprios casos, como na formulação ἄλλοι ἄλλο λέγουσιν *alguns dizem uma coisa, outros dizem outra* At 19.32; 21.34. Contrário ao melhor uso clássico, d. invade o domínio de ἕτερος (q.v.) e significa *outro* de dois Mt 5.39; 12.13; é usado intercambiavelmente com ἕτερος 2 Co 11.4; e provavelmente também Gl 1.7, para o qual v. ἕτερος. [Latim *alius*; *alias*].<sup>24</sup>

No original grego, o termo *allos* apresenta uma diferença numérica e significa “outro do mesmo tipo”. Jesus promete enviar “outro Consolador”, ou seja, outro *allos*, outro como/igual a Ele. O termo é facilmente confundido em diversas passagens com *heteros*, e esse é o motivo de tão cuidadosa observação. O termo *allos* significa “outro do mesmo tipo”, enquanto que *heteros* significa “outro de tipo diferente” e apresenta uma diferença qualitativa. O apóstolo Paulo faz uso de *heteros* em Rm 7.23, onde diz: ‘Vejo nos meus membros outra [heteros] lei’, uma lei diferente da lei do espírito de vida – não *allos*, uma lei do mesmo tipo.<sup>25</sup> Já em João 14.16, Jesus promete o Espírito Santo, ao afirmar que o Pai enviaria “outro” [*allos*], da mesma espécie e não [*heteros*]. As duas palavras parecem promover uma interação entre si, como por exemplo em 1 Co 1.16; 6.1; 12.8-10; 14.17,19, mas elas não são intercambiáveis, pois a diferença existe, embora pareça obscurecida. Vine, Unger e White Jr, mostram que:

em 1 Co 15.39-41 os termos não são intercambiáveis. Aqui *heteros* é usado para distinguir a glória divina da terrestre, pois estas diferem em gênero, e *allos* para diferenciar a carne dos homens, pássaros e peixes, que em cada caso é carne que não difere em gênero, mas espécie. O termo *allos* é usado novamente para distinguir entre as glórias dos corpos celestes, pois estes também não diferem em tipo, mas só em grau.<sup>26</sup>

Coenen e Brown mostram importantes diferenças entre *allos* e *heteros*, apesar de apresentarem o mesmo significado, “outro”. *Heteros* era um pronome dual, e indica pares de indivíduos ou grupos, por isso *hoi heteroi* pode possuir o significado de “o outro grupo”. O

<sup>22</sup> **ESTÓICO** é um seguidor do filósofo grego Zenon, que morreu em 265 a. C. Zenon ensinava que o mais alto objetivo do ser humano é viver de acordo com a sua razão e praticar a virtude. Esta consiste em dominar as paixões, em não se sentir atraído pelo prazer e em não se deixar vencer pelo sofrimento. In.: KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. **Dicionário da Bíblia de Almeida**. Barueri: SBB, 1999, p. 69.

<sup>23</sup> COENEN, L.; BROWN, C. **Dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 2564.

<sup>24</sup> GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, F. W. **Léxico do Novo Testamento grego / português**. Tradução de Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 17.

<sup>25</sup> VINE; UNGER; WHITE Jr, 2002, p. 1042.

<sup>26</sup> VINE; UNGER; WHITE Jr, 2002, p. 839.

termo *allos* é empregado cerca de cem vezes e *heteros* cerca de cento e cinquenta vezes na Septuaginta.<sup>27</sup> O Novo Testamento apresenta as seguintes distinções:

- as duas palavras se empregam para denotar ‘outra’ pessoa, coisa ou grupo; *allos* (Mt 5.39; 12.13; Jo 5.32); *heteros* (Lc 5.7; 23.40). Assim *te hetera* pode significar ‘no dia seguinte’ (At 20.15; 27.3); - o mesmo uso se acha no plural (Mt 20.3,6; Lc 10.2; Jo 7.12; 9.16; At 2.13); - nas numerações (Mt 13.5, 7-8; Lc 8.6 e segs) e nos contrastes (Hb 11.35-36) *heteros* e *allos* frequentemente se empregam como alternativas. Nas enumerações, *heteros* pode ficar sendo um número definido, e. g. em Lc 19.16, 18, 20, tem o efeito de ‘o terceiro’ (ARA ‘outro’); - empregado como substantivo, *ho heteros* tem o significado de meu ‘próximo’ que Deus colocou no meu caminho (1 Co 10.24; Rm 2.1; 13.8; Gl 6.4).<sup>28</sup>

Sendo assim, percebe-se que, no grego original, a palavra “outro” tem dois significados diferentes: *allos* (outro do mesmo tipo) e *heteros* (outro de tipo diferente). No estudo do termo “uns aos outros”, no livro de Romanos, observa-se que é empregado o termo *allos* para descrever o relacionamento entre os cristãos.

## 2.2 Uns aos outros- a partir do original grego ἀλλήλων

O termo ἀλλήλων (*allelon*) é uma referência recíproca e indica uma relação de mutualidade. É encontrado apenas na forma plural, tem por significado “uns aos outros”, mutuamente, reciprocamente.<sup>29</sup> De acordo com Rega e Bergmann, o termo *allelon* aparece aproximadamente cem vezes no Novo Testamento. A função desse pronome recíproco é indicar uma relação de harmonia, sintonia entre os sujeitos de uma oração.<sup>30</sup>

## 2.3 Uns aos outros e seus usos comuns

### 2.3.1 Amar Uns aos Outros (Rm 12.10)

O amor é um conceito expresso de várias formas e de diversas maneiras. Vários autores, filósofos e personalidades ao longo da história tentaram definir esse conceito. Erickson ressalta que o amor é um dos atributos de Deus, pois engloba a preocupação e a ação na busca da realização de outra pessoa.<sup>31</sup> No NT tem-se a revelação da palavra amor, na encarnação e sacrifício de Jesus. A partir desse sacrifício, as compreensões das diversas formas de amor se tornam completas em sentido e propósito. No NT não há uso negativo do substantivo *ágape*, pois ele é usado sempre no sentido de

*He ágape tou theou*, ‘o amor de Deus’, ou no gen. subjetivo (i. é, o amor de Deus para com os homens) ou no gen. objetivo (i. é, o amor dos homens por

<sup>27</sup> COENEN; BROWN, 2000, p. 1476.

<sup>28</sup> COENEN; BROWN, 2000, p. 1476.

<sup>29</sup> REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. **Noções do grego bíblico: gramática fundamental**. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 387.

<sup>30</sup> REGA; BERGMANN, 2014, p. 240.

<sup>31</sup> ERICKSON, Millard J. **Conciso dicionário de Teologia Cristã**. Tradução de Darci Dusilek e Arsênio Novaes Netto. Rio de Janeiro: JUERP, 1991, p. 12.

Deus), ou com referência ao amor divino por outras pessoas, que a presença de Deus evoca.<sup>32</sup>

Erickson define o amor como uma “forma sublime que procura o bem-estar dos outros (agape)”.<sup>33</sup> O Dicionário Internacional de Teologia traz as seguintes descrições para a palavra “amor” a partir do original grego:

ἀγαπάω (*agapaō*), “amar”; ἀγάπη (*ágape*), “amor”; ἀγαπητός (*agapetos*), “amado”, “querido”; ἐράω (*eraō*), “amor com paixão”, “desejar”, “ansiar por”; ἔρωσ (*erōs*), “amor apaixonado”; φιλόστοργος (*philostorgos*), “ternamente amoroso”, “afetuoso”; ἀστοργος (*astorgos*), “sem afeição natural”.<sup>34</sup>

A palavra “amor” possui diversos significados, porém deve-se entendê-la como uma palavra cuja raiz nasce a partir da vida em comunidade. Tanto o AT como o NT empregam essa palavra e dentre suas diversas definições está a aceitação do irmão pelo amor, com o objetivo de levá-lo a experimentar a perfeição da existência, como exemplificado em Levítico 19.18.<sup>35</sup> O amor é tão importante para Paulo que não existe nenhuma de suas cartas, em que essa palavra não esteja destacada como parte essencial no desenvolvimento da vida e no modo de viver cristão. O amor ao próximo está diretamente relacionado com o amor a Deus. Bauer ressalta que:

o próximo no NT não é meramente o homem da mesma tribo e do mesmo povo, mas também o estranho e até mesmo o pecador (2 Co 2.8), bem como o inimigo pessoal ou nacional, em outras palavras: todo aquele que a Providência de Deus colocou ‘próximo’ a mim, para que eu sirva, ou ele me sirva, em amor, como Jesus explicou.<sup>36</sup>

O apóstolo Paulo deixa claro que o amor ao próximo, mesmo se tratando dos inimigos, é para ele a essência do amor de Deus. Essa ligação de amor com o próximo, mesmo em situações adversas, deve ser demonstrada através de atitudes como paciência e perdão. O viver em comunidade só faz sentido se o amor *ágape* for colocado em prática em forma de serviço e sacrifício, buscando os interesses dos outros, em primeiro lugar.

### 2.3.2 Pertencer Uns aos Outros (Rm 12.5)

Essa unidade, proposta pelo apóstolo Paulo em Romanos, tem o objetivo de alcançar os cristãos, na medida em que são capazes de entender que são o corpo de Cristo, que fazem parte dele, pois são os membros, com funções pré-estabelecidas. Embora se diferenciem entre si e possuam funções variadas, cada membro se faz necessário, porque juntos formam

<sup>32</sup> COENEN; BROWN, 2000, p. 117.

<sup>33</sup> ERICKSON, 1991, p. 12.

<sup>34</sup> COENEN; BROWN, 2000, p. 113.

<sup>35</sup> COENEN, BROWN, 2000, p. 114.

<sup>36</sup> BAUER, Johannes. **Dicionário de teologia bíblica**. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: Loyola, 1979. Vol. I, p. 50.

o corpo, e essa união tem um único propósito: dar graças a Deus por tudo que Deus havia feito.<sup>37</sup> Getz declara que

assim como na composição dos seres humanos “há muitos membros num só corpo”, o que capacita cada um a atuar como unidade física, também o Corpo de Cristo, a Igreja, é feito de muitos membros individuais. E cada membro é importante. Nenhum membro do Corpo de Cristo pode dizer: ‘não preciso de você’.<sup>38</sup>

Dessa forma, a providência de Deus uniu o corpo para que ele pudesse servir uns aos outros e edificar a igreja. Além dos membros pertencerem ao mesmo corpo, havia necessidade de um profundo entendimento de que faziam parte uns dos outros, em um tipo de comunidade que compartilha dos mesmos dons, que compartilha a unidade na diversidade.<sup>39</sup> Paulo enfatiza com veemência a unidade do corpo de maneira proposital, pois acredita que a diversidade dos membros e suas diferentes funções constituem a essência do corpo de Cristo, ou seja, os membros pertencem um ao outro, de maneira que se completam.

### 2.3.3 Aceitar Uns aos Outros (Rm 12.16)

O apóstolo Paulo usa várias vezes essa expressão ao longo de suas diferentes cartas (Rm 15.5; 2 Co 13.11; Fl 2.2; 4.2; 3.16). É necessário que os crentes de Roma também recebam essa exortação, pois Paulo queria que houvesse um despertar nas relações com aqueles que não pertenciam à comunidade. Sua orientação é com relação à harmonia das ideias, mas, para isso, eles precisavam abrir mão de suas próprias opiniões e sacrificar suas razões.<sup>40</sup> Paulo quer mostrar que a virtude do corpo se acha nas relações com aqueles que não fazem parte de maneira natural, e nessa categoria encontram-se os inimigos. Os crentes deviam mostrar uma inclinação para com aqueles que eram contrários às suas ideias e procurar a paz com os seus perseguidores, fazendo uso da bondade e humildade.<sup>41</sup> Conforme Murray,

Paulo falava sobre a harmonia que terá referência mais ampla do que a mera simpatia contemplada no versículo anterior. Há certa diferença entre possuir o ‘mesmo sentir de uns para com os outros’ (Rm 15.5) e o ter ‘o mesmo sentimento uns para com os outros’. Esta última cláusula indica a ideia que cada indivíduo deve entreter no tocante aos outros, exigindo que haja concórdia neste intercâmbio mútuo de pensamentos [...]. Que nenhum sentimento discordante seja mantido nestas relações recíprocas.<sup>42</sup>

O convite de Paulo era para um convívio em harmonia, pois tinha conhecimento das diferenças de opiniões. Todavia, essa harmonia só seria possível se a essência do cristão

<sup>37</sup> CRANFIELD, C. E. B. **Comentário de Romanos**: versículo por versículo. Tradução de Anacleto Alvarez. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 274.

<sup>38</sup> GETZ, Gene A. **Um por todos, todos por um**. Tradução de Ana Vitória Esteves de Souza. Brasília: Palavra, 2006, p. 17.

<sup>39</sup> MURRAY, 2003, p. 483.

<sup>40</sup> LEENHARDT, F. J. **Epístola aos Romanos**: comentário exegético. Tradução de Waldyr Carvalho Cruz. São Paulo: ASTE, 1969, p. 320.

<sup>41</sup> HENDRIKSEN, William. **Romanos**: comentário do Novo Testamento. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 562.

<sup>42</sup> MURRAY, 2003, p. 499.

estivesse consolidada no amor *ágape*, demonstrado de maneira prática através dos relacionamentos.

### 2.3.4 Julgar Uns aos Outros (Rm 14.13)

A palavra julgar é um verbo, deriva do original grego κρίνω e tem o significado de “separar, selecionar, escolher”; por conseguinte, “determinar”, e assim, “julgar, pronunciar julgamento”.<sup>43</sup> Para Almeida, julgar é: “decidir como juiz, dando sentença de condenação ou de absolvição (Êx 18.13; Dt 1.16); castigar (Sl 110.6); censurar; condenar (Mt 7.1; Jo 12.47; Rm 14.3); salvar; defender (Sl 35.24); supor; imaginar; pensar (Lc 7.43; At 8.20, RA)”.<sup>44</sup> O Dicionário Internacional de Teologia apresenta κρίνω como

termo técnico jurídico, significa “julgar”, “levar a juízo” ou “condenar”. O julgamento, *krima*, pode ser divino ou humano, e os juízes, *ketai*, detentores de cargos oficiais ou pessoas não autorizadas. A autoridade divina judicial é tal que, de modo geral, o julgamento e o seu efeito são considerados um só, de tal modo de *krima* significa não somente “julgamento” como também “condenação”, “reprovação” e “castigo”.<sup>45</sup>

O apóstolo Paulo traz à tona um problema de difícil solução nesse contexto: o relacionamento entre os irmãos na fé. Eles estavam em desacordo na forma de pensar em algumas questões espirituais, e Paulo os classifica como os fortes e os fracos na fé.<sup>46</sup> Aqueles considerados por Paulo como os crentes fracos estavam em pecado, pois estavam julgando. O problema dos crentes fortes era o desprezo. Nenhuma das categorias estava de acordo com o viver em comunidade. Os crentes de Roma estavam exercendo julgamento e condenação de uns para com os outros, quando a proposta de Paulo era de viver de forma amigável no ambiente cristão.<sup>47</sup> Esse exercício deliberado de julgar uns aos outros não andava em consonância com o amor, pois nem fortes nem fracos se encontram em tais condições. O apelo de Paulo é destacado neste caso, como o que não pode existir no âmbito do uns aos outros.

### 2.3.5 Edificar Uns aos Outros (Rm 14.19)

O termo é derivado do hebraico *bânâh*, e do grego οἰκοδομεῖν.<sup>48</sup> Na forma de substantivo οἰκοδομή significa:

“o ato de construir” (formado de *oikos*, “casa”, e “*demo*, “construir”). É usado só figurativamente no Novo Testamento, no sentido de edificação, a promoção de crescimento espiritual – literalmente, “as coisas da edificação” (por exemplo, Rm 14.19; 15.2; 1 Co 14.3,5,12,26); “edifício, construção”, quer material (por exemplo, Mt 24.1), quer figurativo, acerca do futuro corpo

<sup>43</sup> VINE; UNGER; WHITE Jr, 2002, p. 730.

<sup>44</sup> KASCHEL; ZIMMER, 1999, p. 99.

<sup>45</sup> COENEN; BROWN, 2000, p. 1101.

<sup>46</sup> LOPES, 2010, p. 443.

<sup>47</sup> LOPES, 2010, p. 445.

<sup>48</sup> BAUER, 1979, p. 316.

dos crentes (2 Co 5.1), ou de uma igreja local (1 Co 3.9), ou da Igreja inteira, “o Corpo de Cristo” (Ef 2.21).<sup>49</sup>

A edificação mútua é o resultado da exortação de Paulo, pois apresenta a igreja como um edifício, bem fundamentado, unido e em constante construção, que tem como base o amor e o serviço.<sup>50</sup> O apelo de Paulo é para que os irmãos sejam promotores da verdadeira paz, fundamentada e estabelecida por Deus, por intermédio de Jesus Cristo. No pensamento de Paulo, a edificação é uma via de mão dupla, pois:

o próprio Deus, os seus apóstolos e outros ministros, como também todos os membros da igreja, estão empenhados na edificação não só da igreja como tal, mas também na edificação, na fé e na obediência de cada membro distinto. É verdade que tanto a edificação da igreja como a edificação dos membros individuais são dois aspectos do mesmo processo; o processo, no entanto, dificilmente será entendido na sua verdadeira totalidade, se um ou outro aspecto tiver a atenção concentrada sobre ele de forma tal que o outro fique esquecido. Que enquanto edificar é atividade humana, não se pretende apenas que o seja numa só direção.<sup>51</sup>

A partir desse pensamento, a igreja seria capaz de promover o crescimento e o amadurecimento na fé, onde os mais fracos aprenderiam com os mais fortes, e os mais fortes deveriam amar os mais fracos. O resultado é o partilhar de maturidade, desenvolvimento constante e paz.<sup>52</sup> Ao incitar a edificação de uns aos outros, Paulo abre o leque para novas possibilidades, onde todos são responsáveis pelo crescimento e edificação do corpo, com a finalidade de chegar à unidade da fé. Aqui todos são valorizados, pois na medida em que operam em conjunto, desenvolvem-se em direção à mutualidade.

### **2.3.6 Acolher Uns aos Outros (Rm 15.7)**

Para que a unidade da fé seja atingida, é necessário que tanto judeus quanto gentios estejam com o mesmo pensamento, pois a unidade da igreja é essencial para que Deus seja glorificado. Pohl observa que:

esse trecho retoma mais uma vez a exortação que estava sendo tratada desde Rm 14.1, elevando-a, porém, a um nível diferente. Não se pensa mais em termos individuais como até aqui (o irmão, suas opiniões, sua aceitação, seu vínculo pessoal com o Senhor, sua consciência, seu tropeço etc.), mas em termos de grupo.<sup>53</sup>

O apóstolo Paulo dá prosseguimento ao seu discurso de Romanos 14, porém com uma ênfase ainda maior: ele quer lembrá-los de que o objetivo é a glorificação de Deus. Ao glorificar a Deus, eles estariam glorificando a igreja e os irmãos. Segundo o Dicionário de Paulo,

<sup>49</sup> VINE; UNGER; WHITE Jr, 2002, p. 582.

<sup>50</sup> HENDRIKSEN, 2001, p. 613- 614.

<sup>51</sup> CRANFIELD, 2005, p. 313.

<sup>52</sup> WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo**: Novo Testamento. Volume I. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006, p. 733.

<sup>53</sup> POHL, Adolf. **Carta aos Romanos**: comentário esperança. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1999, p. 235.

a glorificação da igreja acontece especificamente quando os fiéis são “conformes à imagem de seu Filho” (Rm 8.29), [...] Participar da “comunhão com seus sofrimentos” é a maneira como os fiéis experimentam “o poder de sua ressurreição” (Fl 3.10; cf. 2 Co 1.5); para os que aspiram a ser glorificados com Cristo, a condição é, por enquanto, participar “dos seus sofrimentos” (Rm 8.17).<sup>54</sup>

O presente versículo é, para Paulo, o de maior importância, pois ele retrata qual a conclusão a que o apóstolo queria chegar, desde Rm 14. 1 até Rm 15.6. O apelo do apóstolo é resumido, nesse versículo, com palavras no modo imperativo. O verbo acolhei,

é o imperativo fundamental desta passagem. É a igreja como um todo interpelada (é usada a segunda pessoa do plural e não se insere nenhum vocativo particularizador), e a implicação é que a comunidade cristã em Roma, em conjunto, é forte e que os fracos são minoria - muito provavelmente minoria razoavelmente pequena. Eles devem aceitar os fracos na fé, acolhê-los na sua amizade, reconhecendo-os francamente e sem reservas como irmãos em Cristo.<sup>55</sup>

Para Paulo, da mesma forma como Cristo os havia aceitado, cada um deveria ter a mesma atitude. Judeus e gentios deveriam aprenderem a viver o *uns aos outros* no seu cotidiano, de maneira que seriam capazes de se aceitarem mutuamente e dessa forma passariam a glorificar a Deus.

### 2.3.7 Aconselhar Uns aos Outros (Rm 15.14)

Aconselhar é um verbo que tem origem no hebraico - *yã'ase* significa: ‘avisar, consultar, dar bom conselho’, que ocorre cerca de 80 vezes em todo o AT.<sup>56</sup> O apóstolo Paulo, ao admitir que os cristãos de Roma formam um grupo capaz de agir e viver em comunhão, deixa claro seu apreço, cordialidade, justamente porque sabia das “correntes judaizantes que existiam dentro, mas também fora, da igreja de Roma”.<sup>57</sup> Por isso, esclarece que eles seriam capazes de prestar auxílio sem suas orientações ou de qualquer outra pessoa, pois eram dotados de bondade e conhecimento. A união dessas duas forças faz do cristão alguém apto a aconselhar e admoestar alguém. Lopes enriquece o termo, indo até o original grego, onde “a palavra grega *nouthesia*, “admoestação”, é um apelo à mente na qual está presente uma oposição. A pessoa é tirada de um falso caminho mediante admoestação, ensino, lembrança e encorajamento; e sua conduta é então corrigida”.<sup>58</sup> O autor cita Calvino ao destacar que

aqueles que admoestam devem possuir duas graças especiais: humildade e prudência. Os que se sentem chamados a exortar e ao mesmo tempo desejam ajudar os irmãos com seu conselho devem manifestá-lo tanto pela

<sup>54</sup> HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph F.; REID, Daniel G. **Dicionário de Paulo e suas cartas**. Tradução de Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulus; Vida Nova; Loyola, 2008, p. 601.

<sup>55</sup> CRANFIELD, 2005, p. 306.

<sup>56</sup> VINE; UNGER; WHITE Jr, 2002, p. 29-30.

<sup>57</sup> POHL, 1999, p. 240.

<sup>58</sup> LOPES, 2010, p. 469.

doçura no rosto como no modo gentil de falar, pois não há coisa pior para a exortação fraternal que a malevolência e a soberba.<sup>59</sup>

Essa exortação final exprime, com todo o cuidado possível, aquilo que o apóstolo acredita que seria possível: abrir mão do passado e avançar na fé, pois para ele a “comunidade não está gravemente ameaçada [...]”.<sup>60</sup>

### 2.3.8 Saudar Uns aos Outros (Rm 16.16)

As diversas igrejas já mencionadas em outras cartas de Paulo comprovam que elas já haviam difundido o costume de saudar uns aos outros com o “ósculo santo”. Conforme Leenhardt, “supõe-se que a epístola era lida no curso da celebração da Eucaristia, sendo o ósculo santo dado ao final da leitura. Este ato litúrgico expressava a fraternidade que une todos os crentes em Cristo”.<sup>61</sup> Os autores Vine, Unger e White, definem saudar a partir do grego:

*Aspazomai* (ἀσπάζομαι) significa “cumprimentar, dar as boas-vindas”, ou “saudar”. Em At 25.13, o significado é virtualmente “fazer uma visita de cortesia”. Em At 20.1, é traduzido por “abraçando-os”, ou, como Ramsay traduz: “despedindo-se deles”; em Hb 11.13, acerca de dar as boas-vindas às promessas: “abraçando-as”. O verbo é usado como termo técnico para dar “saudações” no encerramento de uma carta, frequentemente por um amanuense.<sup>62</sup>

Pohl destaca que Paulo “desafia os fiéis de procedência diversa para um sinal de comunhão intencional: **Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo**, ou seja, com o beijo praticado no culto a Deus”.<sup>63</sup> Stott afirma que, após as saudações individuais dadas por Paulo, o apóstolo deixa uma recomendação que todos deviam praticar. Saliencia que “embora apenas alguns deles tenham sido saudados pelo nome, *todos eles* devem *saudar uns aos outros com beijo santo*”.<sup>64</sup>

O autor complementa dizendo que esta recomendação era defendida com insistência tanto por Paulo como por Pedro, e que os Pais da Igreja continuaram com esta tradição, sendo que Tertuliano chamou o ósculo santo de “o beijo da paz”.<sup>65</sup> A saudação com o ósculo santo não era uma imposição do apóstolo, mas uma exortação, para que houvesse uma diferenciação entre as amizades profanas. E esse gesto, sem dúvida, era um sinal do amor de Deus.

<sup>59</sup> CALVINO, João. **Romanos**: comentários bíblicos João Calvino. São José dos Campos: Fiel, 2003, p. 373.

<sup>60</sup> LEENHARDT, 1969, p. 374.

<sup>61</sup> LEENHARDT, 1969, p. 392.

<sup>62</sup> VINE; UNGER; WHITE Jr, 2002, p. 974.

<sup>63</sup> POHL, 1999, p. 251.

<sup>64</sup> STOTT, John. **A mensagem de Romanos**. Tradução de Silêda e Marcos D. S. Steuernagel. São Paulo: ABU, 2000, p. 479.

<sup>65</sup> STOTT, 2000, p. 479.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história, vê-se um mundo descontrolado, há desarmonia e guerra entre os povos, pois o padrão de comportamento humano é a desunião, porém o padrão de comportamento do cristão deve ser a mutualidade. O apelo do apóstolo Paulo estava baseado na comunhão e na unidade. A unidade revela a essência de Deus, e é função da igreja a propagação dessa verdade tendo como alicerce o amor. Jesus fez do amor o maior dos mandamentos e um desafio para a Sua igreja, com o propósito de manifestar publicamente as diversas facetas do “uns aos outros”. O amor de “uns pelos outros” estimula o viver em favor dos outros e identifica os membros da comunidade, na medida em que são comparados a um elo, ligados a uma corrente. A função do elo é ligar, unir e há poder na união, sendo este um fator importante, não apenas para compor o corpo de Cristo, mas também para compreender as verdades espirituais de Deus. Paulo estava estimulando os cristãos a fazer todo o possível para que o amor fosse experimentado de maneira prática. Esse é o propósito ao exortar a igreja a buscar esse ideal. Os usos comuns do “uns aos outros” são tão importantes para ele, que não faz menção apenas em Romanos, mas em todas as suas cartas, como sendo de vital importância do viver cristão. A prática do amor, é apontado por Paulo como sendo o elo de ligação entre os irmãos, da mesma forma que os membros são interdependentes do corpo, formando uma unidade física. Todos estão interligados e formam a totalidade do ser humano. Embora haja a diversidade no corpo, ele é uma unidade. Ninguém consegue viver sozinho por muito tempo. O corpo precisa dos membros e cada membro precisa de todos os outros membros. Cada qual é indispensável para que o corpo funcione de maneira saudável, vivenciando o termo uns aos outros.

## REFERÊNCIAS

ALLMEN, J. J. Von. **Vocabulário bíblico**. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001. 621 p.

BAUER, Johannes. **Dicionário de teologia bíblica**. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: Loyola, 1979. Vol. I, 584 p.

BRUCE, F. F. **Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Shedd, 2003. 483 p. ‘

CALVINO, João. **Romanos: comentários bíblicos João Calvino**. São José dos Campos: Fiel, 2003. 598 p.

COENEN, L.; BROWN, C. **Dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000. 2773 p.

CRANFIELD, C. E. B. **Comentário de Romanos: versículo por versículo**. Tradução de Anacleto Alvarez. São Paulo: Vida Nova, 2005. 347 p.

ELWELL, Walter A.; YARBROUGH, Robert W. **Descobrimo o Novo Testamento: uma perspectiva histórica e teológica**. Tradução de Lúcia Kerr Jóia. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. 448 p.

ERICKSON, Millard J. **Conciso dicionário de Teologia Cristã**. Tradução de Darci Dusilek e Arsênio Novaes Netto. Rio de Janeiro: JUERP, 1991. 179 p.

GETZ, Gene A. **Um por todos, todos por um**. Tradução de Ana Vitória Esteves de Souza. Brasília: Palavra, 2006. 160 p.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, F. W. **Léxico do Novo Testamento grego / português**. Tradução de Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1984. 228 p.

HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph F.; REID, Daniel G. **Dicionário de Paulo e suas cartas**. Tradução de Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulus; Vida Nova; Loyola, 2008. 1285 p.

HENDRIKSEN, William. **Romanos**: comentário do Novo Testamento. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. 704 p.

HÖRSTER, Gerhard. **Introdução e síntese do Novo Testamento**. Tradução de Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 1996. 197 p.

KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. **Dicionário da Bíblia de Almeida**. Barueri: SBB, 1999. 191p.

LEENHARDT, F. J. **Epístola aos Romanos**: comentário exegético. Tradução de Waldyr Carvalho Cruz. São Paulo: ASTE, 1969. 399 p.

LOPES, Hernandes Dias. **Romanos**: o evangelho segundo Paulo. São Paulo: Hagnos, 2010. 509 p.

MURRAY, John. **Romanos**: Comentário Bíblico Fiel. São José dos Campos: Fiel, 2003. 684 p.

POHL, Adolf. **Carta aos Romanos**: comentário esperança. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1999. 256 p.

REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. **Noções do grego bíblico**: gramática fundamental. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2014. 425 p.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Shedd**. Antigo e Novo Testamentos. São Paulo: SBB; Vida Nova, 1997. 1914 p.

STOTT, John. **A mensagem de Romanos**. Tradução de Silêda e Marcos D. S. Steuernagel. São Paulo: ABU, 2000. 528 p.

VINE, W. E.; UNGER, Merrill F.; WHITE Jr, William. **Dicionário Vine**: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 1115 p.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo**: Novo Testamento. Volume I. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. 952 p.

WILSON, Geoffrey. **Romanos**: um resumo do pensamento reformado. São Paulo: PES, 1981. 227 p.